

# Ficha Técnica

## Título

MUSEAL – Revista do Museu Municipal de Faro  
N.º 2 – “A Conservação Preventiva. Prevenir para preservar o património museológico”

## Edição

Câmara Municipal de Faro / Departamento de Cultura e Património / Museu Municipal de Faro

## Direcção

Dália Paulo

## Investigadora co-responsável

Catarina Alarcão

## Conselho Científico

António Nabais  
Clara Camacho  
João Brigola  
José d'Encarnação

## Textos

Anabela Almeida  
Andreia Machado  
Catarina Alarcão  
Dulce Delgado  
Gabriela Carvalho  
Inês Correia  
Joana Amaral  
José Gameiro  
Leonor Esteban  
Lina Falcão  
Mana João Pacheco Ferreira  
Mathias Tissot  
Pedro Redol  
Sara Leite Fragoso  
Susana Paté

## Design

Sandra Guerreiro – Museu Municipal de Faro

## Logotipo

Ideias em Baú, Comunicação Marking, LDA

## Tradução

Luis Santos - Museu Municipal de Faro e Ruth Gale

## Impressão

Gráfica Comercial

Depósito Legal 242182-4202

ISSN 1648-4202

## Data

Junho de 2007

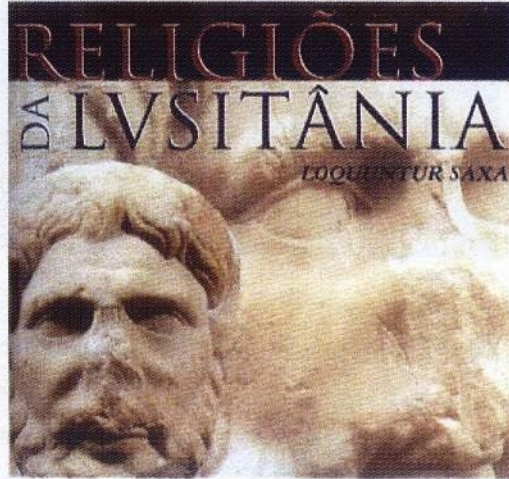
## Tiragem

1000 exemplares

## Agradecimentos

Pedro Redol  
Museu Nacional de Machado de Castro  
Lina Falcão

Solicita-se permuta. We request exchange. On prie l'échange. Se solicita permuta.



RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002. ISBN: 972-776-148-8. 578 p. Ilust.

Ainda que editado com data de 2002, não creio que fique mal ser feita agora referência a esta obra, que constitui o catálogo da exposição com o mesmo nome, cuja 'vida', iniciada no Museu Nacional de Arqueologia a 27 de Junho desse ano, acabou por aí se prolongar 2007 adentro – sinal evidente do seu redobrado interesse histórico-cultural. Por outro lado, tantas são as peças do Algarve que nela figuram – por pertencerem já ao museu ou por terem sido propositadamente cedidas para o efeito pelas entidades algarvias – que se justifica aqui um, embora breve, apontamento.

E sublinho o compreensível «embora breve», dado estarmos perante um notável volume, que ultrapassa o vulgar catálogo de uma exposição.

Certo é que, nos últimos tempos, se têm aproveitado os catálogos para dar conta do que tem sido a investigação levada a cabo nos domínios científicos a que a temática central da exposição se refere; contudo, neste caso, o Comissário Científico da exposição e coordenador do volume, Dr. Cardim Ribeiro, docente de religião antiga na Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, não quis deixar os seus créditos por mãos alheias e, na sequência da sua própria pesquisa e colhendo a colaboração dos investigadores nacionais e estrangeiros que mais se haviam notabilizado no estudo do fenómeno religioso da Lusitânia romana, acabou por fazer, desta sorte, a mais ampla homenagem – em tempo de centenário – ao patrono do Museu, José Leite de Vasconcelos. Na verdade,

o próprio Leite de Vasconcelos se abalançara, no dealbar do século XX, a traçar o panorama das *Religiões da Lusitânia*, em três volumes, publicados pela Imprensa Nacional (1897, 1905 e 1913), e reeditados em 1988 e 1989, sob a orientação de José Manuel Garcia, que lhes acrescentou um quarto volume, de actualização, a que deu o nome de *Religiões Antigas de Portugal* (2001).

Por conseguinte, o catálogo propriamente dito é cativante expressão, através de cuidada ficha de cada uma das peças, do que se sabe no domínio em causa. Encontra-se significativamente dividido em duas grandes partes:

– *Hispania aeterna* (p. 353-404), em que se abordam as divindades próprias da Lusitânia: «Águas, montanhas, bosques e seus *numina*»; «Uma paisagem sagrada: o *promunturium sacrum*» [Sagres e a sua região]; «*Numina tutelares* – entidades “abstractas”», «*Numina tutelares* – entidades “personalizadas”»; «a “ideologia tripartida dos indoeuropeus”»; «*Endovellicus*» (que constitui, de resto, uma das secções mais importantes, com 38 peças expostas, na sua maioria inscrições); «*Axis mundorum*», o eixo dos mundos, em que se foca a ambiguidade sempre presente no espírito humano, simbolizada no hermes bifronte, que olha, simultaneamente, para trás e para diante, o passado e o futuro, a Hispânia e a Romanidade...

– *Roma aeterna* (p. 405-565), em que, a pretexto das peças expostas, são focados os mais variados aspectos da mundividência religiosa romana: o culto imperial; os deuses da tria-

de capitolina; «Os exércitos, a guerra, a vitória e seus deuses»; Vénus; «Na mira da harmonia, da incolumidade e da saúde»; «Os bosques, os campos e seus *numina*»; «O deus dos mercadores e dos viajantes: Mercúrio»; «A divinização do destino: Fortuna»; «*Numina* tutelares»; «Cultos privados, cultos orientais e místéricos»; «*Arcana magiae*» (um olhar sobre feitiços e artes mágicas...); «Arte, cultura e mitologia» (em que os mosaicos, a escultura e os objectos de uso quotidiano ocupam lugar de relevo); «O homem e a morte» (onde se incluem os epitáfios, seus dizeres e ornamentos).

Segue-se-lhe uma bibliografia geral (p. 567-573), seguramente o apanhado mais completo do que se tem escrito sobre esta temática, que não deve ser desgarrada, porém, da panorâmica eloquentemente traçada por J. Cardim Ribeiro, a p. 347-352, em que, por temas, se refere a bibliografia de maior cabimento.

Aliás, voltando à primeira parte do livro, dir-se-á que ele constitui, por esses capítulos iniciais devidos à pena de especialistas, a actualização mais oportuna do que hoje se sabe acerca das divindades a que Romanos e indígenas indistintamente prestaram culto em tempos de Lusitânia. Por isso, apesar da dificuldade do seu manuseio, se apresenta, doravante, como obra de referência obrigatória. Consistente a obra como densa foi – e ainda é, embora algumas peças já tenham voltado à sua origem – a exposição em si, enchendo, literalmente, dos mais significativos materiais arqueológicos a ala oriental do museu.

É bem provável que não volte a fazer-se uma exposição des-

ta envergadura no Museu Nacional de Arqueologia. A aguardar, há muito, para um novo espaço já bem tardia 'luz verde' por parte das entidades da tutela, o museu continuará a privilegiar exposições mais pequenas, contemplando diversas regiões do País, assumindo-se, nesse contexto, como verdadeiro pólo aglutinador. A prová-lo está a magnífica exposição patente na sua 'torre oca', inaugurada a 25 de Janeiro de 2007, sobre vasos gregos em Portugal, comissariada pela Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, exposição cujo catálogo inclui, também ele, o que de mais recente se conhece acerca deste tipo de cerâmica e do mundo que a envolveu, nos tempos imediatamente anteriores à vinda dos Romanos para o território actualmente português.

Importará recordar, neste contexto e em jeito de conclusão, que o Algarve esteve por duas vezes bem representado nos últimos anos, no Museu Nacional de Arqueologia: primeiro, Silves, a pretexto do seu brilhante passado islâmico; depois, Tavira, em 2003, cujo catálogo *Tavira – Território e Poder* se assume igualmente como valioso repositório dos importantes vestígios arqueológicos da região onde outrora floresceu a cidade romana de *Balsa*<sup>1</sup>.

José d'Encarnação

<sup>1</sup> Texto efectuado no quadro do projecto de investigação PERCAN, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia

